

Na Escola de Artes Visuais, o fundamental é ter uma visão do mundo própria (O RESTO VEM DEPOIS)

Cóm início das aulas previsto para o dia 11, a Escola de Artes Visuais — que, ao lado da Escola de Teatro Martins Pena, Escola de Música Villa-Lobos, Escola de Danças e Centro de Arte e Criatividade Infanto-Juvenil, integra o Instituto Estadual de Escolas de Arte (Ineart) — inaugura este ano uma experiência que se pretende diferente. Para complementar sua oficina de cenografia, pela qual é responsável Marcos Flaksman, foram criadas as de Caracterização e Vestuário, respectivamente dirigidas por Alexandre Crik e Rosa Magalhães. Marcos acha que o fundamental é ter uma visão de mundo própria.

— Trata-se da velha integração, que se busca sempre. Mas o modo como pretendemos fazê-la não se encontra em lugar nenhum — explica o artista plástico Rubens Gerchman, diretor da escola.

Segundo Rosa Magalhães — ao lado de Nícia Lacerda, autora dos figurinos da Portela no carnaval deste ano —, o trabalho em comum no ambiente artístico não é fácil: em geral, as pessoas são meio "estrelas" e não toparam discutir dificuldades, noves planos.

E Alexandre Crik acrescenta:

— Embora o estudo da cenografia, da caracterização de personagens (maquiagem, máscaras etc) e do vestuário interesse a diversas formas de comunicação artística, partimos sempre do teatro, por ser o mais difícil. Em geral, quando se fala em teatro pensa-se apenas em termos de ator. Mas detrás dele há toda uma "carpintaria", e aí é que entram nossas três oficinas.

Uma escola onde não se valoriza a rígida noção professor/aluno

Durante um ou dois meses, os professores orientarão suas turmas num estudo introdutório: a evolução e o sentido da cenografia, do vestuário, da caracterização através dos tempos; os diferentes materiais, seu emprego, suas limitações. Paralelamente, acrescenta Marcos Flaksman,



A piscina do Parque Laje/Escola de Artes Visuais: um lugar tranquilo para a discussão de idéias.

ver-se-á o tipo de dramaturgia e de sociedade das diversas épocas.

Numa segunda fase começará o trabalho propriamente em comum. Após a escolha de um texto teatral, que deve ser de autor brasileiro, as turmas farão sua leitura dramática e, progressivamente, executarão croquis relativos a cada uma das três especialidades. Os alunos de cenografia chegarão até a fase de representação do projeto por maquetes, o que, no ano passado, foi feito com as peças "Senhora dos afogados", de Nelson Rodrigues, e "O homem e o cavalo", de Oswald de Andrade.

Totalmente concordantes em relação ao desenvolvimento desse plano, os três professores só divergem num ponto: eles não vêem de igual maneira a heterogeneidade dos alunos e o que se poderia chamar suas deficiências. Rosa Magalhães frisa a necessidade de dosar os núcleos de interesse em função dos diferentes objetivos dos que constituem sua turma: desde estudantes de história a modistas, candidatos a cenógrafo, alunos da Esd (Escola Superior de Desenho Indus-

trial). Mas as deficiências, afirma — e Alexandre Crik concorda —, se ligam muito mais ao despreparo dos professores. "A criatividade é tanta que a gente precisa até controlá-la", diz Rosa, Alexandre completa: "Eu me afasto até onde posso da idéia de professor/aluno. E asseguro que, em geral, quem mais recebe sou eu. Não me sinto realizado quando não saio enriquecido de uma aula".

Para Marcos Flaksman, do ponto de vista técnico há um grande desnível entre os alunos. Isso cria um problema, porque o objetivo de seu curso não é preencher essas lacunas (desenho projetivo, desenho de representação, perspectiva, teoria da cor, geometria etc.). Tais conhecimentos, na Escola, só podem ser adquiridos no curso básico.

— Mas, na verdade — diz Marcos — o pior despreparo é o ideológico. É preciso ter uma ideologia, uma visão de mundo própria, seja qual for. Qualquer formação profissional que se dirija ao exercício da arte teatral, ou das artes paralelas, exige isso, além de um mínimo de formação política.

JB-01/04/1977